



O meu nome é Jennifer e tenho 28 anos. Desde muito pequena que moro em Viana do Castelo. Foi onde cresci, onde sempre vivi. Sou licenciada na área da Gerontologia Social e atualmente frequento o mestrado na mesma área. A nível profissional trabalho numa ERPI (designação mais correta para lar de idosos). Trabalho no Lar Casa de Magalhães desde 2015. Foi o meu primeiro trabalho na área e desde cedo ganhei um orgulho enorme em pertencer a esta casa. Se me perguntarem porque escolhi esta área, talvez por ter uma relação especial com os meus avós. Certeza só tinha uma, querer trabalhar com pessoas e ajudar quem mais precisa. Tenho imenso orgulho na população idosa e eles tem tanto para nos oferecer, dar e ensinar. Triste quem pensa o contrário. Para mim trabalhar com idosos é um orgulho e deixa-me muito feliz e de coração cheio. Mas trabalhar num lar de idosos não é sempre perfeito. Por vezes as coisas não correm como nós queremos. Por vezes acontecem muitos imprevistos. Acontecimentos duros. E é difícil por vezes gerir e ter a capacidade de sorrir quando isso acontece. Mas passa! Dias difíceis dão lugar a dias felizes. No entanto, ninguém previa que uma situação como vivemos atualmente iria mudar de uma forma tão intensa os nossos dias. Ninguém nos ensinou o que fazer numa situação que põe em risco a vida de toda a gente. No dia-a-dia do lar surgem novidades todos os dias. Novas orientações. Novas regras. Mudei de funções para ajudar as minhas colegas e animar os meus idosos. Passei a fazer animação. Algo que não fazia desde 2017. Estar bem-disposta e 'distrai-los' nesta altura não é fácil. Mas tento colocar isso de lado porque eles merecem o melhor. Eles vêem as notícias e muitos têm consciência de que fazem parte do maior grupo de risco e tudo junto os deixa tristes. Sabem que os lares estão a ser muito afetados e não podem escolher voltar para as suas casas. Imaginem o que é viver assim nessa angústia. Eles agora quase nem nos distinguem a não ser pelos sapatos ou pelas vozes. Trabalhamos todas de farda, máscara, touca e viseira. Tapadas dos pés à cabeça. Resta-lhes confiar em nós, em quem lá trabalha e cuida deles. O mesmo acontece com as famílias dos idosos. Eu sei o que é confiar nos outros para cuidar de quem nos é mais querido. Tenho família a morar no lar. Senti na pele o quanto é difícil tirar os nossos familiares das suas casas onde viveram grande parte da sua vida para passarem a morar num sítio com tanta gente e ter regras para respeitar que em suas casas não tinham. Com esta situação toda, nem uma pequena visita podem fazer. Nem um abraço, nem um beijinho, nem dar uma coisa que eles gostem de comer. A nós que trabalhamos num lar, resta-nos prestar o melhor apoio e o melhor cuidado pois as famílias depositaram essa confiança em nós. Não lhes podemos falhar! Resta-me dizer que estamos a fazer o melhor que podemos e que todas as famílias podem confiar. E acreditem, fazemos isso de alma e coração. E não podia deixar de falar na minha diretora técnica. Ela tem sido fantástica! Sempre atenta a tudo. A tudo! Penso tantas vezes como é que ela consegue. Sempre a pensar em todos os cenários possíveis para que possamos estar preparados e poder responder da melhor maneira ao que vai acontecendo. São novidades todos os dias e ela gere essas novidades todas de uma forma exemplar. Sempre tive orgulho nela e na casa onde trabalho, mas agora ainda tenho mais. Ela mais do que noutra altura trata de nós e dos nossos velhinhos como se fossemos a primeira família. Não nos falta nada. Um obrigada a todos! A ela e a toda a nossa equipa! Um obrigada a todos os que estão na linha da frente e trabalham de coração e com o coração nas mãos. Um obrigada também a todos os que tomam decisões para que isto tome o melhor rumo possível. Não é fácil tomar decisões numa altura assim. Só espero que pelo menos, esta fase menos boa nos torne melhores pessoas!